

Discurso de Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro ao receber a Medalha Virgínia Schall de Mérito Educacional da Fiocruz

Exmo. Sr. Dr. Mario Moreira, Presidente da Fiocruz,
Exma. Sra. Dra Eliete Bouskela, Presidente da Academia Nacional de Medicina,
Exma. Sra. Dra Márcia Pessanha, Presidente da Academia Fluminense de Letras,
Exmo. Sr. Dr. Luiz Augusto de Freitas Pinheiro, Presidente da Academia de Medicina do estado do Rio de Janeiro
Exma. Sra. Dra. Cristiani Machado, Vice-Presidente de Educação I e C da Fiocruz, em nome de quem saúdo todo os Membros da mesa e as demais autoridades presentes

Colegas e amigos da Fiocruz, confrades e amigos da ANM, da Academia de Medicina do estado do Rio de Janeiro e da Academia Fluminense de Letras

Meus amigos, minha família, aqui presente, Senhoras e Senhores convidados às Cerimônias de Entrega da Medalha Virgínia Schall de Mérito Educacional e dos Prêmio Oswaldo Cruz de Teses e Capes de Teses da Fiocruz

Obrigado, Professora Fátima Cruz, querida amiga, parceira de toda hora e tantas tarefas e desafios na Fiocruz. Muito obrigado por ter aceito a tarefa de me apresentar aos convidados desta manhã. Você, eu, e todos os que nos conhecem e à nossa história de parceria por 40 anos sabíamos que essa função era sua, mesmo considerando a emoção que, você temia, impregnaria as suas palavras e nossos corações... também todos sabíamos. Muito obrigado pelas suas incondicionais, lealdade, franqueza e generosidade que modulam as nossas já longevas colaborações, parcerias e ações em prol da saúde pública e do povo brasileiro.

Segundo o Edital do Prêmio, esse é um momento em que devo falar dos meus feitos, imagino que os que estimo justificarem o recebimento desse importante tributo. Tomei, entretanto, a decisão de não fazer isso, que está largamente feito em meu *Curriculum* lattes e no Memorial de 10 páginas em espaço simples e letra Arial 11 (exigência do Edital), que submeti à Organização do Prêmio a pedido de meus colegas da Comissão de Pós Graduação (CPG) em Biologia Parasitária, que me indicaram a ele, que é a mais importante láurea na área de ensino da Fiocruz.

Resolvi, aproveitar esta oportunidade para proferir um discurso de homenagem e gratidão. **Homenagem** porque a primeira homenageada, não só hoje, mas em todas as cerimônias de entrega da láurea que leva o seu nome, é a própria Virgínia Schall, e **gratidão** por que está muito claro para mim e eu gostaria de deixar registrado aqui, que ninguém recebe um reconhecimento da magnitude e importância desta Medalha por fazer uma trajetória solo.

Assim refiro-me primeiro à Virgínia Schall : Virgínia Torres Schall de Matos Pinto, mineira de Montes Claros, nascida em 1954, foi servidora da Fiocruz a partir de 1981. Tive o prazer de conhece-la, e com ela interagir após ter sido surpreso por sua visita em minha sala, pedindo-me que revisasse e comentasse o capítulo "Filber, o viajante" (sobre bactérias) do Livro "Ciências - Livro do Aluno" de sua autoria. Era 1994, e cumpri a tarefa com muita compenetração, orgulho e um certo encantamento, porque Virgínia já era reconhecida como uma das pioneiras da educação em ciência e saúde e dos estudos das relações da sociedade com a ciência. Esbarramo-nos algumas vezes, em seguida, não mais do que isso, mas a tinha, como a grande maioria de nossos colegas, na conta de uma cientista polivalente que publicava não só sobre esquistossomose, mas obras de popularização científica, enquanto criava jogos, como o Zig Zaidis para ensinar adolescentes os riscos da Aids, ou "O Jogo da onda", sobre o uso de drogas. Ela criou e coordenou o Programa de Vocação Científica da Fiocruz, e concebeu o primeiro projeto e participou da equipe de implantação do Museu da Vida na Fiocruz. Dizem que não há unanimidade, mas se há, Virgínia era uma... tínhamos todos por ela admiração e respeito e a víamos como a personificação icônica dos temas "divulgação científica" e "ciência e sociedade". [A comunidade científica brasileira a reverenciou concedendo-lhe algumas honrarias e prêmios científicos, como o de Divulgação Científica José Reis do CNPq e o de Divulgação Científica Francisco de Assis Magalhães Gomes do Estado de Minas Gerais, a sua eleição como Membro Titular da Academia Feminina Mineira de Letras, além de alguns prêmios literários por sua obra poética.](#) Foi com susto e medo que tomei conhecimento de sua doença grave e com desolação que recebi a notícia de seu precoce e tão profundamente desolador passamento em 2015.

As marcas de sua importância na Fiocruz são tão volumosas, que Virgínia dá nome à Tenda da Ciência, espaço destinado à interação de cientistas e professores de nossa Casa com escolares e estudantes de todos os níveis, e à Medalha que tenho a grande honra de receber como o sétimo laureado da sua história.

Quero começar evocando alguns pensamentos, meus, de colegas ou personagens notórios ou nem tanto. Talvez possamos de alguma forma os considerar conselhos aos jovens estudantes.

O primeiro eu ouvi pronunciado por Claudio Correia Castro, que representava Galilleu (na encenação do Oitavo ato de Galileu, Galilei de Bertold Brecht), feita durante a cerimônia de reintegração dos cassados de Manguinhos, na gestão do Presidente Sergio Arouca, em 1986: “... **o que eu sei eu passo adiante**”. Esse pensamento impregna, desde então, as minhas relações com os estudantes e as reuniões com eles no Laboratório de Pesquisa em Malária, o LabMal.

Lembro-me de quando fomos para o Pav. Leônidas Deane **em** 2000. Fui o primeiro a me mudar e me instalar no escritório, que arrumei rapidamente. Todas as tardes, Fátima Cruz vinha visitar o espaço do laboratório, com bloquinho e caneta, e planejávamos onde ficaria cada bancada, cada aparelho, uma mesa com tampo de vidro que lá está até hoje, o espaço dos estudantes, a tela para projeção das apresentações científicas, onde nos sentaríamos, etc. Lembro-me de ter feito o então doutorando ou recém-doutor Leonardo Carvalho participar de cada uma dessas etapas da mudança e de lhe ter mostrado, inclusive, como calculei a altura das prateleiras dos escritórios.

Passem adiante os ensinamentos que receberem.

Cabe dizer que minha produção científica disponível no Pub Med mostra em 2023 um pico da produção de toda a minha trajetória desde o 1º artigo **publicado** em 1981. Atribuo esse resultado à decisão tomada no ano passado de cobrar e realizar com regularidade as reuniões científicas do LabMal e as que faço com o meu grupo de pesquisa. Nessas reuniões, falamos de ciência, de nossos resultados, e de outros que julgamos oportuno mostrar, das metodologias, estratégias e dificuldades operacionais dos trabalhos, mas também da vida institucional e de políticas de ciência e saúde. Acho que os cientistas se mostrarem para seus alunos e se deixarem julgar por eles é um dos melhores exercícios que podemos provocar nos iniciantes da vida acadêmica. Por outro lado, repeti como nunca a lição que sempre achamos que já sabem; **dados de experimentos e rascunhos de artigos nas gavetas não contam como conhecimento**. Conhecimento é só o que foi julgado pelos pares e tornado público em periódicos indexados, ou seja, as publicações. Desafiei-os a publicar tudo o que podiam além dos resultados finais de seus projetos: dados preliminares em *Short communications*, revisões, *overviews* e opiniões e a interagirem ao máximo

entre eles colaborando nos projetos e artigos uns dos outros. Os artigos proliferaram... e não foi *salami Science*.

Dados nas gavetas não são conhecimento. Publiquem-nos

O segundo é uma definição do que seja a PG ss, que acho que não está clara para todos, e concebi para uma aula inaugural na Ensp, a convite dos Professores e queridos amigos Maria Helena Machado e Sergio Koifman. Penso que haja um equívoco muito comum no entendimento do que seja um programa de Doutorado. O título de Doutor é concedido como “o reconhecimento de uma formação que habilita o profissional para a carreira de pesquisa, para a metodologia científica e o raciocínio lógico/reflexivo. Ele, corresponde a uma declaração de iniciação bem sucedida à pesquisa, comprovada pela realização de trabalho científico original, substancial e relevante conduzido individualmente, ainda que supervisionado ou orientado por pesquisador mais experiente e qualificado”.

“O Doutorado não é, portanto, atestado de competência ou de alta especialização, mas, sim, uma **declaração de vocação pela carreira acadêmico-científica**. Ninguém opta ou deveria optar pelo Doutorado sem ter feito a escolha da carreira de pesquisa e ensino. Para aumentar o conhecimento e a competência de profissionais existem os cursos de especialização em nível de pós-graduação *latu senso* - alguns inclusive de longa duração como as próprias residências médicas - que efetivamente são o passaporte para a competência em sua área específica de atuação”.

Façam um doutorado só se escolherem a carreira de pesquisa e ensino e quiserem produzir conhecimento e fazer ciência. Se quiserem ser especialistas ou saber mais sobre qualquer assunto, escolha uma boa pós-graduação *lato sensu*.

Antes que perguntem, **o Mestrado é uma carta de intenções**, razão pela qual deveria ser abreviado e inserido, se tudo correr bem, no tempo que damos ao estudante para fazer o doutorado. Os franceses gastavam seis anos para atribuir o título de Doutor de Estado, o mesmo tempo que gastamos desde sempre. Pois bem, apesar da fama desse Diploma na França, na Europa e no mundo, eles julgaram que perdiam alunos para os Países que conferem o título em quatro anos, revisaram as normas nacionais de ensino de PG e, hoje, o doutorado francês, demanda o mesmo tempo que o de outros Países que pensaram sobre a questão.

Em um País que precisa formar Doutores para recuperar o déficit acumulado em muitos anos, seis anos é muito. Somos, ao todo, cerca de 150 por 100.000 habitantes, segundo os dados da Capes de 2021,

enquanto Países como Suíça e Alemanha têm 300 por 100.000 habitantes... Formamos por ano, 11,3 doutores / 100.000 habitantes enquanto a média da OCDE é de 21,9 / 100.000 habitantes

Se alguém lhe disser que seu mestrado podia ser uma tese de doutorado, peça para passar para o doutorado direto.

Aproveito para chamar a atenção para uma nota de Elio Gaspari de não mais tarde do que 6/10. Segundo o Censo da Educação de 2023, o Brasil estava prestes a bater (já deve ter batido) a marca de 10 milhões de jovens nas Universidades. Segundo esse Censo, 51% dos alunos que entram nas Universidades graças às cotas, concluíram os cursos, contra 41% dos não cotistas. Gaspari diz que “Além da simples estatística, há aí uma lição política, indicativa do grau de demofobia incrustado na vida nacional”.

Acolha os seus colegas cotistas. Eles têm certamente coisas a lhe ensinar.

Sobre as orientações de Monografias, Dissertações e Teses eu queria dizer que considero que elas são verdadeiros e prazerosos cursos de aprofundamento do saber. Uma interação plena de aprendizados para orientando e orientador; não só sobre os assuntos das teses, mas também sobre os próprios alunos e sobre nós mesmos, “jovens há mais tempo”, e sobre como nós lidamos com informações e vivências, porque grande parte do que os estudantes aprendem de nós, aprendem sem que consideremos que estamos ensinando... Tais interlocuções alunos/professores ou, se preferirmos, alunos jovens/alunos mais velhos, são oportunidades ímpares para nosso enriquecimento diante do desafio de sermos surpreendidos por suas perguntas, reflexões e *insights*, tantas vezes geniais, e de estarmos à altura deles. **Agora, atenção !** Ao fim dessa interação, ao assistir a defesa de seus trabalhos, costumo dizer sobre os alunos: - são raros os que não sabem o que achávamos que sabiam. A grande maioria sabe tudo o que achávamos que sabiam, esses aprenderam as lições (mas, geralmente, não sabem o que sabemos que não sabem). Mas há os que sabem coisas que não sabíamos que eles sabiam, **esses aprenderam a aprender**. Participar deste processo é mais um presente que nossas carreiras nos oferecem.

Sobre as tarefas de ensinar e aprender, eu queria evocar dois pensamentos expressos nos comentários que Claudio Struchiner (ex-PROCC, Fiocruz) fez no livro “Imagens, micróbios e espelhos”, que publiquei com Yuri Martins, aluno do Provoc que chegou no meu laboratório em 1995, com 14 anos de idade, e cheio de vontade de aprender, e é hoje Professor Associado na Univ. de St Louis, nos EUA e colaborador atuante do nosso Lab. O primeiro pensamento de Struchiner é de Humberto Maturana, pesquisador

polivalente do Chile: "... **ensinar é impossível, aprender é inevitável**". Mais do que desse primeiro, metade pessimista metade otimista, gosto do segundo, em resposta à nossa provocação de como preparar jovens para o futuro diante da disponibilidade de informação e produção de conhecimento, crescentes em razão geométrica na era pós-industrial:

"Então o que ensinar ? Ensinar a aprender, ora bolas !".

Não espere que seus professores lhe ensinem tudo. Eles provavelmente não o farão. Aprenda algo por você e ensine a um deles. Ele vai gostar...

Sobre a tarefa de ensinar em uma época onde milhões de terabites de informação são despejados na internet, e estão ao alcance de alguns cliques de mouse, queria compartilhar com os senhores trechos do artigo "A complicada arte de ver" de Rubem Alves (publicada na *Revista Prosa, Verso e Arte*). O texto é absolutamente poético (e por isso o dedico aos amigos do ramo: Carmem Gotfried, Jerson Lima e Wilson Savino), e perfeitamente apropriado para um curso de formação e reconhecimento de imagens no sistema nervoso (razão pela qual o dedico aos Neurites, o que já-já os Senhores saberão o que são, e aos jovens estudantes curiosos).

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: - acho que estou ficando louca.

Fiquei em silêncio, aguardando que ela me contasse os sinais da sua loucura e ela foi contando.

- Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões. É uma alegria. Alguns dias atrás, fui fazer uma coisa que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal, sem surpresas, mas cortada a cebola, tive um susto. Percebi que nunca tinha visto uma cebola ! Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles... tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente, a cebola se transformou em obra de arte para ser vista. O mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões. Agora tudo que vejo me causa espanto.

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as Odes elementares de Pablo Neruda. Procurei a Ode à cebola e lhe disse: - Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro. "**Rosa de água com escamas de cristal**". Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta. Os poetas ensinam a ver. Ver é muito complicado. Isso é estranho, porque **os olhos - de todos os órgãos do sentido - são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é**

idêntica à física ótica de uma máquina fotográfica. O objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro, mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake sabia disso e afirmou: **"a árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê.** (não sei ainda se gosto dessa reflexão... mas sigamos). Sei disso por experiência própria quando vejo os ipês floridos, mas uma mulher que vivia perto da minha casa, decretou a morte de um ipê que florescia à frente da sua, porque ele sujava o chão. Dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza, só viam o lixo... "Não basta (então) abrir a janela para ver os campos e os rios", escreveu Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa). O ato de ver não é coisa natural, precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que **a primeira tarefa da educação é ensinar a ver.** A diferença se encontra no lugar em que os olhos são guardados. Se... estão na caixa de ferramentas, eles são apenas ferramentas que usamos para a sua função prática. Com eles vemos objetos, sinais luminosos, nomes de ruas e ajustamos à nossa ação. O ver se subordina ao fazer e isso é necessário, mas é pobre... mas quando estão na caixa dos brinquedos, eles se transformam em órgãos de prazer. Brincam com o que veem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo. Os olhos que moram na caixa de ferramentas, são os olhos dos adultos. Os que moram na caixa de brinquedos, das crianças. Para ter olhos brincalhões, é preciso ter as crianças por... mestras. Podem nos ensinar tudo; a olhar para as coisas, apontar-nos todas as coisas que há nas flores, mostrar-nos como as pedras são engraçados quando as se têm nas mãos e se olha devagar para elas. **Por isso, e porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, é que eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana.**

O “desvão da banalidade” pode ser aquele resultado negativo ou positivo, que nos assombra e às vezes incomoda... é preciso lhe dar atenção.

Quero me dirigir agora aos parceiros de três de minhas iniciativas na Fiocruz que julgo terem sido importantes contribuições na área de ensino. Liste-as na ordem de impacto que acho que tiveram na formação de RH e no ensino pós-graduado brasileiros.

A primeira delas é o **Curso internacional de Malariologia.**

Com a ajuda do Professor Pierre Ambroise-Thomas (Univ de Grenoble), apoio da área de Ensino da OMS (através de seu responsável, Doutor Peter Beales) e financiamento da SVSA (então Fundação Nacional de Saúde, ex

Sucam), criei, em 1990, o **Curso Internacional de Malariologia (CIM)** com uma prestigiosa Comissão de Organização (Professores Agostinho Cruz Marques, Bernardino Albuquerque, José Maria de Souza, Pedro Tauil, Luis Rey e Leônidas Deane). O CIM era **estruturado em dois módulos: o Curso Básico de Malariologia**, em Belém, com dois meses de duração, sob a Coordenação local do Professor José Maria (Instituto Evandro Chagas, IEC e Universidade Federal do Pará, UFPA; e o **Curso Planejamento e Controle da Malária**, em Manaus, por um mês, sob a Coordenação local do Professor Bernardino Albuquerque (Fundação Universidade do Amazonas). Foram 18 alunos no Módulo A (sendo 15 funcionários da FNS), incluindo uma aluna de Portugal e uma da Colômbia, indicadas pela OMS, e oito no Módulo B, todos envolvidos com controle de malária. Consegui achar o registro de todos os alunos, 34 anos depois, mas, embora não consiga identificar o destino de todos, sei que vários se tornaram Coordenadores de Programas Estaduais ou Municipais de Controle da Malária ou outros agravos endêmicos. O CIM deu origem aos Cursos Nacionais de Malariologia organizados pelo Professor Cor Fontes, na Universidade Federal do Mato Grosso, de 1993 a 1996, estando nos planos da SVSA a sua retomada para formação e atualização dos profissionais contratados como “Apoiadores” das ações que visam eliminar a malária nos municípios considerados prioritários em nosso País. Agradeço a todos os parceiros. Todos se tornaram amigos e alguns já faleceram (Agostinho, Deane, José Maria, Pierre, Beales e Rey). Bernardino Albuquerque e Pedro Tauil estão vivos.

A segunda iniciativa foi o Doutorado Interinstitucional com três Instituições de Belém do Pará.

Um dos meus mais antigos e constantes contatos em Belém, na Amazonia, era o Professor José Maria de Souza. Ficamos amigos e não havia uma só de nossas conversas que não incluísse o seu reiterado pedido para que eu ajudasse as instituições do Pará (ele era Professor da UFPA, e médico pesquisador do IEC) a montar um programa de doutorado no estado. Eu, invariavelmente, repetia ao JM Souza que eles não precisavam dessa ajuda. Acabei, levado por outro amigo, o Doutor Jose Augusto Muniz, então Diretor do Centro Nacional de Primatas, ao gabinete do Professor Cristovam Diniz, Reitor da UFPA, que nos recebeu com cordialidade e - inteirado do assunto - com júbilo; “nós estamos buscando fazer isso, com a USP, há algum tempo e a possibilidade de fazer com a Fiocruz bate à minha porta? eu aceito ontem, Cláudio!” Voltei ao Rio, dei a notícia a JR Coura, então Diretor do IOC. Coura me encarregou do assunto, eu pedi para compor uma Comissão (Ana Maria Gaspar, Henrique Lenzi, Ricardo Lourenço, Bodo Wanke e Márcia Lâzera) para me auxiliar no trabalho e voltamos a Belém, em menos de um mês. Cada um de nós da Comissão (Cristovam e Coura, inclusive)

entrevistou, por um dia inteiro, todos os 45 pré-candidatos recrutados por Cristovam. Seleccionamos para o Doutorado 15 Professores/Pesquisadores vinculados a Instituições locais (IEC, UFPA e Universidade do Estado do Pará) sem o título formal de Doutor. **No ano 2000**, começava a funcionar, um **Dinter do IOC com as três Instituições, em Belém do Pará**, concebido antes que surgisse a figura do Dinter oficial na Capes. Em 2010, houve a defesa, festiva, da 14ª das teses do Programa em Belém, em presença dos Professores Coura (que ao sair da Diretoria, pedira-me para integrar a Comissão), Tania A. Jorge, então Diretora do IOC, e os Diretores do NMT e do ICB da UFPA; os neurocientistas Professores Luiz Silveira e José Luiz do Nascimento, respectivamente. Eles foram essenciais para que o Dinter-IOC ocorresse com sucesso e a eles agradeço assim como aos membros da Comissão (da qual Lenzi e Bodo já não estão mais entre nós), em nome de todos os Professores do IOC. Todos os ex-alunos formaram novos Doutores em Belém

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Biologia Parasitária e a todos os membros da CPG, pela indicação do meu nome para concorrer à Medalha Virgínia Schall, particularmente ao meu colega de Laboratório Paulo Renato Rivas Totino que formulou a proposta, e ao presidente da CPG, André Luiz Rodrigues Roque, que a acolheu, defendeu e submeteu à apreciação da CPG e propôs a minha candidatura à Comissão do Prêmio. Professor André Roque julgo a minha nomeação para esta láurea uma conquista também do Programa de Biologia Parasitária. Você me anunciou durante o 25ª Seminário Laveran & Deane que eu era o decano da BP. Foi a forma mais honrosa em que ouvi que estou ficando velho...

Quero agradecer aos que me auxiliaram na tarefa de preparar essa alocução a começar pela Simone Monteiro que me ofereceu um exemplar da sua obra “Ciência, saúde e educação: o legado de Virgínia Schall” de sua autoria com Denise Pimenta. O livro me instruiu sobre a obra e a importância de Virgínia. Também agradeço à Pamela, ao Caio e à Maria Clara, à Dra. Anielle Pina Costa e ao Acadêmico Marcelo Morales (ANM) que foram buscar informações de que precisei.

Eu tenho aqui uma lista de agradecimentos que faria e não terei tempo, mas deixarei registrado no arquivo do discurso em todos os locais. Só não posso deixar de agradecer aos meus alunos Luciana, Pamela, Rízia, Bia, Carol, Caio, Ingrid e Maria Clara e aos Colegas Seniores do LabMal: Fátima Cruz, Leonardo Carvalho, Lilian Riccio, Flávia Ribeiro-Gomes e Paulo Totino. Se há um agradecimento que não pode faltar aqui é à Claudia Castro Carvalho, fiel escudeira, também conhecida como Claudia Ribeiro ou Pit girl,

Gestora do LabMal, que me proíbe de dizer há quantos anos trabalhamos juntos.

Pulo todos os outros agradecimentos para poder fazer um último indispensável.

A terceira e última iniciativa foram os Seminários Laveran & Deane

Criados em 1995, quando eu era diretor do Instituto Oswaldo Cruz, os SL&D são o fórum para a discussão de 15 projetos de tese em malariologia com 15 professores seniores por cinco dias, literalmente ilhados em um cenário da costa Atlântica fluminense, todo ano. Do período de 1995 a 2024 analisamos 373 projetos de alunos de PG ss, sendo 1/3 oriundo de Centros de Pesquisa da Região Amazônica, prioridade para a seleção dos candidatos por ser a área endêmica de malária no Brasil, com a ajuda de 152 professores. O seminário é marco e referência para o ensino e pesquisa em malariologia no Brasil. Eu o concebi após constatar que existia um *Seminaire Laveran* na França, que eu nunca conheci, e deixou de existir quando deixou de ter apoio da Fundação Mérieux. Propus à Fátima na volta da viagem que criássemos um com esse nome no Brasil para fazer o que fazemos. A Fátima topou no primeiro instante, abraçou a ideia e é parceira desde então e a peça chave que cada vez mais reflete o espírito, a organização e a dinâmica do Seminário. Ela é quem analisa faz a proposta de seleção dos candidatos que discutimos juntos, organiza o cronograma de apresentação dos alunos e das conferências, faz a tabela de tutores e alunos tutelados e sugere nomes novos de professores para convidarmos. Quando pensei nessa medalha pela primeira vez sempre pensei que deveríamos fazer uma candidatura única juntos e foi com tristeza que soube pela nossa VP Cristiani Machado que isso não era possível porque o edital não permite que o prêmio seja dividido. Proponho desde já que essa regra seja revista porque, no nosso caso, seria o reconhecimento de **uma soma** que vem acontecendo há quase 30 anos. Queria, então, agradecer aqui agora à Fátima Cruz, que faz acontecer comigo este evento que considero a contribuição mais importante do LabMal para da área do ensino e para a comunidade científica em malariologia brasileira. Fátima, tem uma florzinha para vc...

Termino, como sempre faço, pelas dedicatórias. Dedico esta fala, este momento e esta Medalha à minha família, meus pais que me ensinaram tudo o que sabiam ou podiam me ensinar, meus irmãos os Doutores Marcus Tadeu e Ayrton Daniel Ribeiro, respectivamente engenheiro e historiador e médico ginecologista-obstetra e minhas irmãs arquitetas Cássia Maria e Regina Aparecida Catão Ribeiro, que dividiram comigo suas infâncias, adolescências, juventude e maturidade, armações, aventuras, broncas,

castigos e chineladas, e também vacinas e viroses comuns da infância, muitas **não** imunopreveníveis em nossa época de meninos. Dedico também, e sobretudo, às minhas filhas Carolina e Mariana Castello Branco e Maria Brasil Daniel-Ribeiro, as respectivamente, Dé, Nana e Fi, eternas princesas doces e determinadas, que iluminam a minha vida e de suas mães Beth Castello Branco e Patrícia Brasil.

Patrícia Brasil, minha mulher e companheira há 32 anos, nós nos fusionamos em desejos e sonhos de um mundo mais pacífico justo e sustentável e um País mais decente e promissor para as crianças e jovens brasileiros.

Muito obrigado a todos por me ouvirem !

Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, MD, DSc, Dr.h.c.
Laboratório de Pesquisa em Malária, IOC
Centro de Pesquisa, Diagnóstico e Treinamento em Malária, Fiocruz